# CULTURA DO ESTUPRO: JORNAIS ONLINE E A REPRODUÇÃO DA CULPABILIZAÇÃO DA VÍTIMA EM RONDÔNIA

Taís de Souza Leite[1]

**Resumo**: Este trabalho tem como objetivo analisar como são veiculados os casos de estupros na mídia em Rondônia. Quatro matérias divulgadas nos jornais online no Estado de Rondônia são o ponto de partida para a discussão sobre poder, hierarquia e patriarcado. Nas materiais, a sexualidade da mulher é colocada em questão e faz emergir discussões sobre crenças religiosas, morais, em que há uma evidente culpabilização da vítima. Isto é, a mulher é apontada como responsável pelo ocorrido, sendo apresentados inúmeros questionamentos tais como: O que ela fazia na rua naquela hora? Foi estuprada porque usava saia curta? A mulher provocou sexualmente o homem? O conteúdo destes podem contribuir para a difusão da cultura do estupro, uma vez que não apenas o justifica, como o naturaliza. Essas noticias se inserem no contexto da intensa desigualdade de gênero, que condicionam as mulheres aos mecanismos de aceitação e replicação de um imaginário social de desumanização da mulher e a objetificação do seu corpo.

**Palavras-chave**: Cultura. Estupro. Jornais online.

A "cultura do estupro" leva à naturalização dos comportamentos e assédios sexuais contra a mulher e sustenta a estrutura patriarcal na sociedade atual, legitimando as formas de violência. Sendo assim, a violência sexual controla o corpo e a vida das mulheres. A cultura do estupro se ampara em mecanismos de poder, levando a culpabilização da vítima, de tal maneira que há objetificação do corpo da mulher, tais elementos reproduzidos pela grande mídia por meio das propagandas publicitárias de cervejas, entre outras produções culturais; estrutura familiar tradicional continua a ser considerada como a única forma legitima.

A sexualidade da mulher é colocada em discussão na cultura do estupro de forma que gera o debate sobre crenças religiosas, morais, na qual há culpabilização da vítima. Desta forma, assume-se ser a mulher responsável pelo ocorrido, sendo comuns questionamentos, após episódios nos quais sofreram algum tipo de abuso e/ou violências, tais como: O que você fazia na rua naquela hora e tipo roupa usava na situação, dentre outros. Tal conjunto de questões parte do pressuposto haver sido a mulher o elemento responsável pela própria violência, havendo sido ela quem provocou sexualmente o homem. Esse contexto é fomentado pela desigualdade de gênero, onde perpassa a desumanização da mulher e a objetificação do seu corpo.

As formas de violência contra a mulher estão inseridas no contexto cultural, no qual o patriarcado se fortalece ao sustentar estruturas de opressão, nas quais as relações de gênero se apresentam aos moldes da propriedade privada sobre o outro.

A noção de gênero mencionado neste texto afirma que a diferença biológica dos sexos, é

[1] Graduanda em Ciências Sociais, Especialista em Segurança Pública e Direitos Humanos pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR, e Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Faculdade Interamericana de Porto Velho – UNIRON, Militante do Movimento Social Levante Popular da Juventude responsável pelo Setor de mulheres, na cidade de Porto Velho, em Rondônia - Brasil.

interpretada culturalmente. A relação de gênero tem sido marcada pela diferenciação de sexo frágil e forte, colocando a mulher em condição de fragilidade, e o homem o sexo forte e provedor responsável pela família e manutenção da estrutura patriarcal, como centro da dominação masculina em relação à mulher.

A noção de cultura do estupro que propomos discutir implica que a sociedade não apenas tolera as formas de violência sexual contra a mulher, mas principalmente incentiva e legitima essas ações.

Quando nos propomos a discorrer sobre a violência sexual a partir do debate "Cultura do Estupro", tal tema que está gritando em nossa sociedade, e precisamos discorrer como os processos acontecem na estrutura cultural e social. O conceito apresentado pelas teóricas americanas no período dos anos 60, e que sendo utilizado pelos movimentos feministas no Brasil, partem da premissa de legitimar a agressão de conteúdo sexual a mulheres que não se comportam e se vestem como formas predeterminadas, ou seja, pontuamos a questão da autonomia da mulher, a diversidade cultural e manutenção da ideia tradicional sobre a mulher. Esta parte das premissas que categorizam as mulheres; em santas ou são putas, devendo diferenciar-se pela roupa, aparência e comportamento (SEMÍRAMIS, 2013).

A ideia apresentada parece encaixar nas questões das regras sociais, dos julgamentos, assédios sofridos e até o estupro, pois as mulheres devem se enquadrar em uma das categorias, "a santa ou puta". Estas condutas são moralistas, engendradas nas estruturas familiares, religiosas e escolares, além de colocar a mulher em condição de subordinação e julgamentos dos homens, no qual já frisamos a hierarquização da estrutura patriarcal e poder sobre a mulher e a sua sexualidade.

Machado (1998) indica que as representações são conflitantes em relação ao estupro quando se considera a relação das mulheres na diversidade de papéis frente aos dos homens, pois as representações de irmãs, mães, referem aos parentes. Assim configuram-se as morais e os status sociais, classificando as mulheres em casáveis e não casáveis.

Logo percebemos as categorizações sociais sobre as mulheres, consideradas a partir de sua condição de subordinação ao homem, o moralismo, o controle sobre a sua sexualidade e a ocorrência da violação sexual de seu corpo.

Com isso, Semírames (2013) aponta criticas realizadas pelos movimentos feministas sobre a culpabilização de mulheres estupradas, sendo colocada a culpa em seus comportamentos como acusações pelo uso de roupas, o que fazia na rua naquela hora, frase do tipo "ela é vulgar mesmo", "ela não se dá respeito" ou ainda "ela estava pedindo". Devemos destacar que "apesar de

as teóricas acadêmicas não fazerem uso corrente da expressão, muitas pesquisas internacionais e nacionais vêm denunciando a invisibilização da violência sexual frente as suas estatísticas, através de uma crítica à noção de consentimento" (ROST, 2015, p. 267). Portanto, é por meio da invisibilização de comportamentos que naturalizam as formas e os mecanismos da violência sexual, a exemplo da culpabilização da mulher, que a vítima é responsabilizada pelo estupro.

Para tanto, vamos tratar de enfatizar a abordagem da dimensão simbólica dos direitos (ROST apud CARDOSO DE OLIVEIRA, 2010). Visto ser necessário mudar a cultura que sustenta o machismo.

> É essa cultura que deve ser combatida e superada para que haja efetivamente igualdade entre homens e mulheres. Enquanto se tratar como "brincadeira" e "merecido" o fato de uma mulher ter tido a saia levantada e ser apalpada contra a vontade, não há como falar em igualdade (Grifo do autor, SEMÍRAMES, 2013).

Por isso, quando falamos da dimensão simbólica, ou a cultura do estupro, é como a autora destaca ela deve ser combatida e superada. Pois, não podemos tratar a violência de gênero, o estupro como apenas um crime e sua respectiva punição. Mas frisamos, que enquanto existir a naturalização de brincadeiras e assédios, se dissemina tais comportamentos. Se não avançarmos nestas questões, não há como pensar e direcionar para a igualdade entre homens e mulheres.

***Culpabilização da vítima: Técnicas de aceitação e replicação de conceitos que normalizam o estupro***

Os mecanismos de culpabilização da vítima se dão, pela construção de aceitação e replicação de conceitos que normalizam o estupro com bases nas questões que tangem a relação de gênero e sexualidade, informadas pelas categorias de poder, hierarquia e patriarcado. Como podemos ver na citação de Rost (2015),

> "a culpabilização das mulheres em casos de violência sexual: agressão passa a ser responsabilidade delas, que a legitimaram a partir de suas decisões de como se vestir, se comunicar ou viver a sua vida, especialmente no campo sexual e afetivo" (p. 262).

A culpabilização da vítima ocorre no contexto provocado pela desigualdade de gênero, onde perpassa a desumanização da mulher, sem reconhecimento sobre seu corpo e suas regras de desejos, ou seja, os seus direitos são postos em regras na sociedade pelo moralismo. Outro fator, é a objetificação do seu corpo, sendo visto apenas para o desejo sexual e dominação masculina.

> Uso e abuso do corpo do outro sem que este participe com intenção ou vontade compatíveis, o estupro dirige-se ao aniquilamento da vontade da vítima, cuja redução é justamente significada pela perda do controle sobre o comportamento de seu corpo e o agenciamento do mesmo pela vontade do agressor. A vítima é expropriada do controle

> sobre seu espaço-corpo. É por isso que se poderia dizer que o estupro é o ato alegórico por excelência da definição schmittiana de soberania – controle legislador sobre um território e sobre o corpo do outro como anexo a esse território. Controle irrestrito, vontade soberana arbitrária e discricionária cuja condição de possibilidade é o aniquilamento de atribuições equivalentes nos outros e, sobretudo, a erradicação da potência destes como índices de alteridade ou subjetividade alternativa. Nesse sentido, também esse ato está vinculado ao consumo do outro, a um canibalismo mediante o qual o outro perece como vontade autônoma, e sua oportunidade de existir somente persiste se é apropriada e incluída no corpo de quem o devorou. O resto de sua existência persiste somente como parte do projeto do dominador (SEGATO, 2005, p.270).

Portanto, a autora descreve sobre o estupro como mecanismo de aniquilar a vontade da vítima, uma vez que há o uso da força e controle do seu corpo nas mãos do agressor. Ainda acrescenta, o contexto do canibalismo para se referir "devorou" o corpo do outro.

Mas para justificá-lo, existem mecanismos de aceitação e replicação que estão inseridos nas formas de violência contra a mulher que se encontra na estrutura cultural, no qual o patriarcado se fortalece nessas estruturas de opressão e propriedade sobre as mulheres. As violências se iniciam de formas imperceptíveis que são as psicológicas e a mais extrema com a morte de mulheres.

As formas de violência contra a mulher estão inseridas no contexto cultural, no qual o patriarcado se fortalece nessas estruturas de opressão e propriedade. Na violência sexual debatemos o estupro, segundo dados da revista fórum brasileiro de segurança pública que apresentam os dados, que cerca de 47.646 casos de estupros foram cometidos no país em 2014, o que sugere uma violência desse tipo a cada 11 minutos, ainda considerando que em média apenas 35% dos crimes sexuais são notificados, e no Brasil, o estupro é crime hediondo.

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) elaborou a pesquisa realizada pelo Datafolha Instituto de Pesquisa em 2016, focando a percepção da população em relação às mulheres que são vítimas de violência sexual e na percepção sobre o atendimento às vítimas por parte dos operadores policiais. Os resultados foram apresentados e discutidos neste documento "Percepção sobre violência sexual e atendimento a mulheres vítimas nas instituições policiais". Com isso, a metodologia adotada com abordagem pessoal dos entrevistados em pontos de fluxo populacional. A pesquisa foi feita com a população brasileira com 16 anos ou mais, sendo a amostra total de 3.625 entrevistas em 217 municípios.

Na pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública 85% das mulheres brasileiras têm medo de sofrer violência sexual. Mas, 37% dos homens e mulheres entrevistados concordam que "mulheres que se dão ao respeito não são estupradas". Entre as mulheres a concordância com essa frase cai para 32%, enquanto que entre homens sobe a 42%. Porém, a tendência culpar a vítima aumenta com idade e diminui com mais educação. Além disso, 91% dos

entrevistados concordam que "temos que ensinar meninos a não estuprar". Estes são alguns dos destaques da pesquisa sobre percepção da população brasileira sobre violência sexual. Desta forma, percebemos que existe um mecanismo que acarreta a responsabilização da mulher pela agressão sofrida, é isso que caracterizamos como culturas do estupro, em uma sociedade aonde as mulheres vivem em constante medo de serem violentadas.

***A mídia online e a reprodução da cultura do estupro***

A mídia como veículo de comunicação de massa tem imenso alcance em nosso meio social. Os ambientes virtuais condessam informações dos acontecimentos da sociedade, os processos sociais e culturais e ações sociopolíticas. Tratando-se também de um poder desmaterializado, intenso, invasivo, livre de resistências físicas e territoriais, como descreve Moraes (1954), percebe-se que nessa situação a mídia, por meio dos veículos de comunicação, atribui e contribui para a formação do imaginário social e a difusão dos estigmas sociais. Desta forma, a mídia contribui para a formação dos significados e reprodução das informações.

Também entendemos a mídia como uma tecnologia de gênero, conceito apresentado por Teresa Lauretis (1987) que propõe o gênero, como representação e auto-representação, sendo produto de várias tecnologias e de discursos institucionalizados, práticas cotidianas, ou seja, o gênero não se constitui em como propriedade natural dos corpos, mas contradição social. Nesse sentido, a mídia como é destas tecnologias que ao veicular notícias sobre a violência, produz ou reproduz engendramentos e representações sobre a violência em relações de gênero (SILVA, 2013).

A partir das questões levantadas e outras mais que perpassam essa pesquisa, busco analisar os discursos construídos nos jornais, para compreender como a mídia tem construídos significados sobre a violência em relações de gênero, e de que forma se processa o engendramento e as classificações dos sujeitos ali representados.

Quando escolhemos a mídia escrita na versão online, partimos do pressuposto de que este meio tornou-se comum, dar maior espaço para as abordagens de matérias jornalísticas sobre os casos de violências sexuais cometidas contra a mulher. As matérias jornalísticas, geralmente consistem nas ocorrências criminais partir dos casos denunciados. Como já foi mencionado que os casos de estupros são subnotificados, levando ao entendimento que os números de casos podem ser superiores aos denunciados, frente as dificuldades que se apresentam para as vitimas.

> A culpabilização pela violência sofrida é uma reação frequente relatada pelas mulheres, até mesmo quando recebem atendimento nos serviços de justiça, segurança e saúde. A dificuldade de reunir evidências materiais do não consentimento, bem como o risco de revitimização durante os

> procedimentos legais - humilhação, julgamento moral, procedimentos de coleta de provas que expõem o corpo violado da vítima a novas intervenções. São desafios específicos relacionados à violência sexual que precisam ser considerados com urgência e seriedade pelas instituições policiais e pelo sistema de justiça e que influenciam na baixa taxa de notificação deste crime à polícia (FBSP, 2016, p.14).

O processo de revitimização que as mulheres sofrem durante os relatos da denuncia, levam aos problemas da subnotificação dos casos. Outra dificuldade é a efetivação da apuração e punição dos agressores.

O sistema midiático atual no qual relacionamos a comunicação digital, "interligam, em tempo real e com velocidade inaudita, povos sociedades, economias e culturas" (MORAES, 2013, p. 19). Com isso, percebemos o alcance em larga escala espacial, que podemos dizer, pela dimensão de pessoas que atinge.

Moraes (2013) pontua a questão da comunicação digital como um poder desmaterializado, mas que penetra na vida das pessoas de forma invasiva, colocando até de maneira livre de resistências físicas e territoriais que se expandem para além das limitações dos outros veículos de comunicação impresso, rádio e televisão. Logo mais, o que é interessante pontuarmos no contexto apresentado pelo autor, é outra correlação proposta no ideário da midiatização: a questão da legitimização dos discursos veiculados.

> Da noite para o dia, passaram a ser incorporados aos discursos dominantes e às falas massivas e autolegitimadas da mídia – falas que projetavam e ainda se projetam, como intérpretes e vigas de sustentação do ideário privatista (MORAES, 2013, p. 20).

Portanto, a mídia projeta em seus discursos falas que produzem efeitos no cotidiano e nas pessoas, influenciando na forma de agir e pensar as relações sociais e culturais no meio em que convivem.

O teórico da comunicação José Marques de Melo (1973) descreve de maneira representativa como os meios de comunicação de massa influenciam a cultura.

> Alterando profundamente a dinâmica das relações interpessoais, porque permitem a multiplicação instantânea dos contatos entre os indivíduos, reduzindo distâncias físicas, eliminando resistências sociais e ultrapassando barreiras culturais, os meios de comunicação de massas deixaram o homem do século XX perplexo ante as suas potencialidades (MELO, 1973, p. 11).

O jornalismo na era da internet permite comunicação simples e com agilidade. A imprensa trouxe "mudanças fundamentais no saber, no conhecimento, na ampliação da cultura" (RAMONET, 2013, p. 85). A mídia virtual atinge uma dimensão espacial que contrapôs a mídia tradicional de tal forma sua amplitude em atingir com os processos e acessos informacionais.

Mas esta mídia trabalha com procedimentos de seletividade e hierarquia das informações, que se dá pelas escolhas das pautas, recurso utilizado no jornalismo. O manual de jornalismo da Folha de São Paulo, conceitua a seleção das pautas. "Selecionar significa também priorizar assuntos, mesmo em detrimento de outros, de modo a concentrar o trabalho principal da equipe naquilo que a edição julgar mais relevante" (2001, p. 21). Apresentamos que na mídia, existe a seletividade das noticias e suas relevâncias, mas de acordo com os interesses dos veículos comunicacionais em suas diversidades.

Portanto, a reprodução das notícias de violência contra a mulher serão pautas de acordo com o interesse do veículo ou repercussão dos casos na sociedade e/ou a partir da mobilização social. Nestas três perspectivas, aparecem as notícias relacionadas às mulheres. Quando lançam dados alarmantes nas pesquisas sobre violência de gênero, quando temos casos de mulheres mortas por seus cônjuges e/ou brutalmente estupradas. Casos dessa natureza aparecem nos boletins de ocorrência nas delegacias e dados estatísticos, portanto noticiados.

Neste contexto, Segato (2013) aponta o pré-requisito de "mídia de direitos",

> (...) há um pré-requisito: a cobertura da mídia do direitos. Visibilidade dos direitos constrói, de forma convincente, o jurisdição. O direito é retórica na natureza, mas a retórica depende publicidade. É necessário que a propaganda e a mídia em geral funcionam em favor do evitabilidade, e não contra eles (p.14).

A mídia deve funcionar como mecanismo de educação e a favor de evitar o desencadeamento das formas de violência contra a mulher, evitando a naturalizar no imaginário social os casos de violência.

A mídia produz efeitos no cotidiano das pessoas, influenciando sua atuação e postura política, gerando impactos na maneira como agem, sentem, desejam, lembram, convivem e resistem (IRACI e SANEMATSU, 2007 p. 122). Assim, podemos perceber o quanto a pauta da violência contra a mulher por meio do estupro pode refletir na ampla aceitação ou reprodução por parte da sociedade comportamentos que podem refletir as estruturas culturais naturalizando as formas de violência contra a mulher.

A maneira e a frequência com que as reportagens aparecem mostram o quanto à mídia está mais comprometida em culpabilizar às vítimas do que em problematizar os fatores que levam as violências contra as mulheres.

Na estrutura dos títulos, poucas vezes o agressor aparece em foco na chamada, e no texto a vitima e contexto que aconteceu o estupro é evidenciado. Em geral, a vítima é

responsabilizada, sendo retratada no centro dos fatos, levando-a desmoralização e culpabilização, conforme vimos no título abaixo.

O título da notícia "Saiu para beber com amigos, desmaiou e foi estuprada", matéria publicada em 19/07/2016 veiculada pelo RONDONIAOVIVO expressa, a culpa da vítima "Saiu para beber", e "com amigos" denota as relações sociais próximas, "desmaiou" representa o fato relacionado ao consumo de bebida, "e foi estuprada" projeta o processo material do estupro. A escolha deste título desmoraliza a vítima apontando para ela a culpa de ter sido estuprada. No decorrer da notícia, descrevem o contexto a partir do boletim de ocorrência, para conferir credibilidade aos relatos, uma vez o título da notícia ao responsabilizar a compreensão do leitor(a).

> De acordo com informações apuradas no Bop Nº 5487/2016, a vítima e os acusados foram para um balneário na tarde de domingo (17), consumiram bastante bebida alcoólica e depois pararam em uma distribuidora de bebidas, localizada na zona sul de Porto Velho. O trio continuou na bebedeira, onde no estabelecimento a vítima disse que apagou, desmaiou (RONDONIAOVIVO, 2016).

O fato da vítima ter saído com os acusados para o balneário, consumido bastante bebida alcoólica e parar em uma distriuidora de bebidas para continuar a beber é uma informação que relaciona o comportamento da vitima, mas que atribui uma responsabilização pela sua escolha. A noticia descreve que após a bebedeira, a "vitima disse que apagou, desmaiou", o que leva ao descredito da vitima em relaçao ao consumo de bebidas e comportamento.

> Quando acordou, a mulher informou que estava em um motel com um dos acusados lhe abusando. Assustada, a vítima passou a gritar por socorro e foi agredida pelos homens, que jogaram ela dentro de um carro e abandonaram em uma rua escura com as roupas rasgadas. A mulher pediu ajuda a populares, que acionaram a polícia (RONDONIAOVIVO, 2016).

Além disso, o fato expresso no título de que o crime aconteceu após ingestão de bebida alcoólica não é informativo, mas desloca as representações entre vítima e agressores. Nesse caso, a mulher sofre atenção negativa na notícia. Consequentemente, o foco da notícia deixa de ser os agressores e o estupro em si, e passa ser direcionado para o comportamento da vítima.

Nesta segunda notícia com título "Jovem é preso após estuprar mulher em boate: ´me deu dedada`, diz vítima", o subtítulo "Mulher diz que estava em boate quando foi atacada, em Porto Velho. Na ocasião, rapaz ainda teria agradido jovem com uma garrafa de cerveja", matéria publicada em 19/06/2016, veiculada pelo G1 Rondônia. Esta notícia diferente do primeiro caso o título aponta inicialmente o agressor sendo preso, porém apresenta o local de origem da agressão "boate" posto como local que a mulher frequenta podendo naturalizar o espaço para permissão da agressão. Para Machado (1998) "toda a sexualidade feminina é concebida pelo imaginário dominante como aquele que se esquiva para se oferecer". Neste contexto, o uso da boate como referência permite se construir esse imaginário. Além disso, as aspas em "me deu dedada" coloca no relato da vítima, neutraliza a responsabilidade do jornal na reprodução do imaginário que legitima a

violência expressamente no título.

No decorrer da notícia, o texto aponta como se decorreu o fato quando ela dançava com as amigas.

> "Ele me deu uma dedada e depois bateu na minha testa com uma garrafa de cerveja", disse a vítima ao G1 durante a confecção do boletim de ocorrência.
>
> Segundo a Polícia Militar (PM), a jovem dançava com amigas na boate, quando o rapaz passou por trás dela e colocou o dedo na região anal da vítima. "Eu reclamei e ele reagiu me agredindo com uma garrafa de cerveja", disse a vítima, que reclamou de um inchaço na cabeça causado pelo objeto.
>
> A jovem, que não quis se identificar, diz ainda que não conhece o suspeito e que depois de abusar sexualmente dela, ele alegou ser rico. "Disse que por ter dinheiro não sofreria nada na Justiça", relembra (G1 RONDÔNIA, 2016).

Percebemos a questão de inferioridade de classe também como vimos ligadas a impunidade desses casos de violência.

A terceira notícia destaca no título **"**Mulher é atacada e estuprada em pleno centro de Ji-Paraná", veiculada pelo comando 190, publicada em 14/08/2016, o local em ocorreu a violência em "pleno centro".

> Na madrugada deste sábado, dia 13, por volta das 02h30, uma jovem de 21 anos foi atacada e estuprada por um homem no Centro de Ji-Paraná. De acordo com a Polícia, a jovem havia saído de casa com um tio e alguns amigos para beber em um bar. Depois de algum tempo, o grupo foi embora e quando passaram pelo Centro, o veículo quebrou.
>
> Então, a jovem decidiu ir para a casa caminhando e sozinha. Os outros ocupantes do veículo permaneceram no local aguardando um mecânico.
>
> Segundo a jovem, ao chegar na Avenida Clovis Arrais, decidiu sentar na calçada aguardar seu tio e minutos depois acabou deitando. Neste momento, foi abordada por um homem que, inicialmente, pediu para que ela se retirasse daquele local. Logo em seguida, o homem retornou e começou a ameaça-la com uma faca. "Ele falou que era um assalto, mas depois me obrigou a ir com ele até ás margens do Rio Machado, próximo ao Marco Zero. Chegando lá, ele me agrediu muito e tentou me enforcar. Em seguida, me violentou", relatou à vítima (COMANDO 190, 2016).

A reportagem destaca o horário como motivo para a ocorrência do estupro, culpabilizando a vítima por este comportamento. Machado (1998) descreve que a mulher vítima de "estupro em locais baldios e à noite permite colocá-la simbolicamente as margens do social. Ao mesmo tempo, sabe-se que ela está sob signo da interdição: a ela não se pergunta se quer a relação sexual (p. 247). Pois a mulher é representada como objeto sexual, se ela anda a noite sozinha adequa consentimento para a sua violação. Podemos perceber este sentido na construção do texto da notícia, que tem a polícia com atribuição de órgão informativo "De acordo com a polícia" como fonte oficial de informação.

O título "Mulher de 51 anos vive momentos de terror ao ser estuprada por ´amigo` do marido na zona rural" notícia veiculada pelo G1 Rondônia, direciona para ideia de uma mulher dita "experiente", e a relação próxima com seu agressor, o "amigo do marido". Para Machado só o fato de ser mulher já é um risco para sofrer o estupro.

> Sobre a vitima escolhida para estupro apenas por que é mulher, não importa qual, dela quase nada se fala porque tudo que dela se quer sabe já se sabe. É mulher e as circunstâncias são propícias ao estupro. Ou seja, o que interessa saber que é que vai ser usada como objeto sacrificial. Quanto mais se quiser ficar impune frente ao ato que se vai praticar, quanto mais dela nada se deve saber. As mulheres das quais se sabe, ou se conhece, serão namoradas ou prostitutas, ou se forem irmãs, ou irmãs de outros conhecidos não deverão ser violadas (MACHADO, 1998, p. 247).

A autora expõe sobre a categorização da mulher, "santa" ou "puta", como um risco para sofrer o estupro, inclusive perpetrado por pessoas próxima a ela, pois o risco é ser mulher. O texto da notícia aponta que a mulher é culpada, foi ela que decidiu ir para casa "sozinha".

> A vítima, uma senhora de 51 anos de idade, juntamente com seu esposo, estavam em uma cavalgada que acontecia no distrito de Terra Boa. Certo momento a vítima quis ir pra casa, combinou com o marido e ele ficou no evento, retornando sozinha. Chegando a sua residência, tomou banho e em seguida foi para casa de uma amiga, para deixar algumas linhas de costura, retornando logo em seguida.
>
> Quando começou a anoitecer ficou com medo de ficar sozinha, por volta das 18h30m, resolveu ir novamente para a casa da amiga. Enquanto a vítima caminhava pela linha avistou o vizinho e amigo do marido na estrada, J.G.D. de 48 anos, e este começou a gritar perguntando sobre o paradeiro de seu marido, a vítima, inocentemente, respondeu que ele ainda estava na cavalgada em Terra Boa.
> O maníaco se aproximou da mulher, tirou uma corda de suas roupas e enrolou no pescoço dela, pegando uma faca de alumínio e ameaçando-a, pediu para não se mexer e que se calasse, pois já estava há vários dias planejando aquilo e não queria que nada atrapalhasse. A vítima tentou desvencilhar-se do agressor, mas o homem encostava a faca em seu estômago ou em seu pescoço fazendo-a parar de se mexer e falar.

Ainda que a notícia destaque o agressor como maníaco pode-se caracteriza-lo como doente. Desta forma, a vitima foi violentada por um doente, ou seja, o motivo da mulher sofrer estupro é porque o agressor é doente. Esta questão descaracteriza o problema principal das causas do estupro na sociedade. Sendo eles, a estrutura social direcionada pelo patriarcado, a dominação masculina sobre o feminino, os padrões morais, o controle da sexualidade da mulher.

De maneira que uma sociedade pautada na estrutura do patriarcado e suas crenças morais fortalecem, a cultura do estupro reproduzida nas notícias de jornais. Além disso, a vítima será culpabilizada e evidenciadas por meio de suas decisões, comportamentos, como se veste. A mulher é colocada em descredito em seu depoimento, assim o estupro é posto em dúvida. Pois, as estruturas sociais de dominação masculina apontam que a culpa é da vítima e não do agressor, havendo a inversão dos papéis na cultura do estupro, onde há tolerância ao estupro, e não a sua caracterização como crime hediondo.

## *Referências*

CARDOSO, Isabela Cristina Barros; VIEIRA, Viviane. **O discurso de títulos de notícias sobre violência sexual: A mídia on-line e a culpabilização da vítima de estupro**. EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, 2014.

CEMIN, Arneide Bandeira; OTT, Ari Miguel Teixeira. **Antropologia do desenvolvimento e**

**direitos humanos: Violência de gênero e etnocidadania**. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder, Florianópolis, 2008.

CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo de Santa Cruz. **Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar)**. Nota Técnica Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília, 2014.

COMANDO 190. **Mulher é atacada e estuprada em pleno Centro de Ji-Paraná.** Disponível em: < http://www.comando190.com.br/noticias-det.php?cod=5840>. Acesso em: data 21 de outubro de 2016.

FERNANDES, Leonísia Moura. **Traduzir a língua do medo para superar a cultura de estupro**. Gênero e Direito. Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito Centro de Ciências Jurídicas - Universidade Federal da Paraíba, 2015.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2015**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2015. Disponível em:

<http://www.forumseguranca.org.br/storage/download//anuario_2015.retificado_.pdf>. Acesso em: 30 mai. de 2016.

_____. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2014.** São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2014. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/storage/download//8o_anuario_brasileiro_de_seg uranca_publica.pdf>. Acesso em: 20 agos. 2016.

_____. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2013.** São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2013. Disponível em: < http://www.forumseguranca.org.br/storage/ download//anuario_2013-corrigido.pdf>. Acesso em: 10 set. 2016.

FORUM, Revista. Sobre a cultura do estupro. Disponível em: http://www.revistaforum.com.br/2013/04/16/cultura-do-estupro/. Acesso em 10 de out de 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir, história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 2009.

GALVÃO, Agência Patrícia. **Dados e fatos sobre violência contra as mulheres**. Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/dados-e-pesquisas-violencia/dados-e-fatos-sobre-violencia-contra-as-mulheres/>. Acesso em 20 de out. de 2016.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar).** Brasília: Ipea, 2014.

_____. **SIPS Sistema de Indicadores de Percepção Social:** Tolerância social à violência contras as mulheres. Brasília: Secretaria de Assuntos Estratégicos.

IRACI, Nilda e SANEMATSU, Marisa. **Mídia e racismo: o que é que se destina?. In Ramos, Silva (org.) Mídia e racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

LAPA, Nádia. **A cultura do estupro gritando – e ninguém ouve**. Disponível em: < http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-cultura-do-estupro-gritando-e-ninguem-ouve>. Acesso em 10 dez. 2013.

MACHADO, Lia Zanotta. **Masculino, sexualidade e estupro: as construções da virilidade**.

Cadernos Pagu. Campinas, Unicamp, 1998, (11), p. 231-273.

MORAES, Dênis de. **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. Denis de Moraes, Ignacio Ramonet, Pascual Serrano; São Paulo: Boitempo, 2013.

RONDÔNIA, Jornal G1. **Jovem é preso após estuprar mulher em boate: 'me deu dedada', diz vítima.** Disponível em: < http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2016/06/jovem-e-preso-apos-estuprar-mulher-em-boate-me-deu-dedada-diz-vitima.html>. Acesso em: data 21 outubro de 2016.

RONDÔNIA, Alerta. **Mulher de 51 anos vive momentos de terror ao ser estuprada por 'amigo' do marido na zona rural.** Disponível em: < http://alertarondonia.com.br/noticia/mulher-de-51-anos-vive-momentos-de-terror-ao-ser-estuprada-por-amigo-do-marido-na-zona-rural,alvorada-do-oeste,15361.html>. Acesso em: data 21 de outubro de 2016.

RONDONIAAOVIVO. **Mulher é atacada e estuprada em pleno Centro.** Disponível em: <http://www.rondoniaovivo.com/interior/ji-parana/noticia/mulher-e-atacada-e-estuprada-em-pleno-centro/161059>. Acesso em: data 20 outubro de 2016.

ROST, Mariana; VIEIRA, Mirian Steffen. **Convenções de gênero e violência sexual: a cultura do estupro no ciberespaço**. Comunicação e Cultura, Bahia, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SEGATO, Rita Laura. **Las estructuras elementares de la violencia: contrato y status em la etiología de la violencia**. Brasília: 2003.

SILVA, Mayana Hellen Nunes da. **Discursos sobre a violência em relações afetivas e sexuais e engendramentos no jornal pequeno**. Seminário Internacional Fazendo Gênero (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

WEBER, Max. **A "objetividade" do conhecimento na ciência social e na ciência política**. Metodologia das Ciências Sociais, São Paulo: Cortez, v. 1, p. 107-154, 2001.

**Culture of the Rape: Online newspapers and the reproduction of the blame of the victim in Rondônia**

**Astract**: This paper presents an analyses of how rape cases are transmitted in Rondônia's media. Four stories are the starting point for the discussion about power, hierarchy and patriarchy. In the stories, the sexuality of women is called into question and discussions about religious, moral beliefs are presented, in which the victim is blamed. The woman is identified as responsible for what happened. Numerous questions are made: What was she doing on the street at that time? Was she raped because she wore a short skirt? The woman sexually provoked the man? The way the cases are transmitted falls within the context of the intense gender inequality that conditions women to the mechanisms of acceptance and replication of a social imaginary of women dehumanization and the objectification of their bodies. Thus, the media contribute to rape culture by justify and naturalized it.

**Keywords**: Culture, rape, online newspapers